

## Em Busca das Múltiplas Temporalidades: Uma Jornada Educativa e “quase” antropológica

João Gilberto da Silva Carvalho<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia – IFRJ, Brasil. joao.carvalho@ifrj.edu.br

**Resumo.** A atividade de pesquisa e extensão realizada com alunos do ensino médio abordou um tema complexo – o tempo. Ao longo de dois anos foram realizadas visitas a “lugares de memória”, acompanhadas por debates, exibição de vídeos e leituras de textos. Para viabilizar os objetivos, foi necessário elaborar um plano de trabalho: 1) Estabelecer um princípio norteador que justificasse e motivasse a pesquisa. 2) Utilizar um embasamento teórico capaz de permear as ações do grupo. 3) Adotar um repertório pouco convencional de execução desta pesquisa em função de suas características. O resultado final foi um livro que se encontra em processo de editoração, registro e publicação.

**Palavras-chave:** tempo, temporalidade, imaginário, representações.

### In Search Of Multiple Temporalities: An Educational Journey And "Almost" Anthropological

**Abstract.** Research activity and extension carried out with high school students tackled a complex issue - time. Over two years were held visitations to "places of memory", accompanied by debates, viewing videos and reading texts. To make the objectives, it was necessary to draw up a work plan: 1) Establish a guiding principle to justify and motivate the research. 2) Using a theoretical framework able to permeate the actions of the group. 3) Adopting an unconventional repertoire of execution of this research in terms of its features. The end result was a book that is in the editing process, registration and publication.

**Keywords:** time, temporality, imaginary, representations.

## 1. Introdução

Nossa pesquisa teve início há dois anos a partir de grandes desafios: Como envolver alunos do ensino médio em um tema tão complexo quanto o tempo? Qual o recorte adequado para transformar a questão em um objeto de pesquisa? Qual a metodologia capaz de viabilizar essa pesquisa? Um projeto pouco convencional requer naturalmente uma boa dose de ousadia responsável (Becker, 2007). As mudanças do mundo globalizado sacodem os alicerces da velha ciência e permitem ao modelo qualitativo de pesquisa abrigar a inovação e a ousadia, embora a nosso juízo a dicotomia qualidade-quantidade deva ser relegada à história da ciência. Um debate que opôs paradigmas e provocou celeumas, mas hoje está exaurido (Alves-Mazzotti & Gewandsztnadler, 1999).

Em 2014 convidamos nossos alunos do ensino médio técnico (*campus* Arraial do Cabo/RJ/Brasil) a participar de uma atividade de extensão: Realizar um conjunto de visitas a locais onde a categoria “tempo” fosse marcante. Para nossa satisfação, um grupo animado de alunos aderiu à proposta e a atividade se transformou em pesquisa e extensão institucional.

## 2. Embasamento e Metodologia

### 2.1 Embasamento: entre representações e imaginários

A Teoria das Representações Sociais (TRS), *grosso modo*, busca entender como as pessoas pensam – definição genérica para uma corrente de pensamento que investiga fenômenos da vida social e possui ramificações claras do ponto de vista metodológico. Nossa pesquisa não se aproxima das ferramentas tradicionais utilizadas pela teoria para dar conta de seus objetivos, mas a abordagem criada por Moscovici ultrapassa e muito o mero campo instrumental (Castro, 2002). É, sobretudo, a dimensão epistemológica da TRS o substrato de nossas ações. Neste sentido, saber “o que” as pessoas pensam está intrinsecamente ligado ao saber “como” pensam – quando e onde.

Dois conceitos balizaram o nosso olhar na construção desta narrativa: *lugares de memória e poética do espaço/devaneio*. O primeiro, criado pelo historiador francês Pierre Nora (1993) e se refere aos espaços carregados de historicidade. Por exemplo, incluímos a Fazenda Campos Novos em nosso roteiro por ser um lugar de memória, isto é, carregado de lembranças no sentido mais denso possível. Do ponto de vista material e simbólico, a Fazenda é um depoimento vivo de outra época, por cristalizar aqui e agora o tempo e a sociedade que o criou. Portanto, entende-se aqui que por lugar de memória temos um espaço resultante de operações socialmente construídas de lembrança e esquecimento. Passemos, pois, ao segundo conceito.

Em geral, os manuais de metodologia recomendam normas de formatação e o rigor que deve caracterizar textos acadêmicos e científicos. Pois um cientista não é um poeta e ciência não é romance, assim preconizam (ou preconizavam) os manuais. Entretanto, é exatamente o devaneio e a poética que nos permite adentrar afetivamente a atmosfera densa de um lugar de memória. Afetivamente no sentido de estar “afetado”, de ser “possuído” pela imaginação criativa a ponto de enxergar aquilo que não é imediatamente visível. O filósofo Gaston Bachelard é, simultaneamente, epistemólogo rigoroso e ousado transgressor, que em sua teorização prioriza o devaneio e a poesia (Bachelard, 1996; 1974). Na prática e no caso significa afirmar: não se percebe a historicidade de um prédio apenas por suas rachaduras ou registros documentais. É preciso ir além, pois se o discurso (científico, religioso ou de senso comum) nos permite expressar ou dar sentido àquilo que se encontra fragmentado entre vestígios, a imaginação nos permite transcender o meramente factual. Outro aporte que utilizamos é proveniente da teoria do imaginário. Em comum com a TRS a ênfase no social. Um social que se expressa no cotidiano, na ação criativa e repetitiva (portanto, contraditória) dos grupos. Se a TRS busca o consenso (Moscovici & Doise, 1991), a “antropologia imaginária” de Durand descortina as imagens que surgem a partir da dinâmica que se generaliza afetivamente nos três reflexos dominantes (postural, nutricional e copulativo) ainda na infância. Os *schèmes* constituem o nível simbólico mais profundo e é subjacente a todas as imagens existentes.

### 2.2 Uma metodologia de pesquisa pouco convencional

Bem ao estilo dos antropólogos, adotamos um diário de campo; na Antropologia, trata-se de uma ferramenta de registro a serviço do método etnográfico (o nosso diário, contudo, foi um *tablet*). E assim visitamos espaços nos quais a “presença” da temporalidade é marcante – por revirar constantemente no imaginário social as categorias básicas que indicam a “presença” de temporalidade – passado, presente, futuro.

O título é elucidativo: jornada educativa, por ser realizada com alunos; quase antropológica, por não se apoiar no trabalho de um antropólogo (no sentido estrito). Uma jornada que precisou ser criativa, pois ao contrário de pesquisadores afortunados que dispõem de recursos fartos e assim conseguem

ter acesso aos mais inacessíveis lugares e recursos, nossa dotação teve como lastro o chamado “jeitinho brasileiro”, isto é, o aproveitamento de todas as oportunidades e portas disponíveis. Ao apresentarmos publicamente a pesquisa em um seminário houve esse questionamento, aliás, muito pertinente, sobre os critérios utilizados na escolha das visitas. A resposta: “lugares de memória”; com destaque: em função dos recursos possíveis. Se o aspecto financeiro permeou a delimitação, sua relevância foi secundária face aos resultados obtidos no embate entre teoria e realidade. Não optamos, portanto, pelo itinerário tradicional da pesquisa científica, baseado no tripé hipótese-verificação-resultado. Nos moldes da narrativa antropológica, buscou-se conscientemente a teorização multidisciplinar e o descompromisso formal.

### 3 Narrativas Selecionadas: o *tablet* de campo

#### 3.1 Fazenda Campos Novos – Cabo Frio

“A porta do ônibus se abriu e Jonatas Carvalho nos aguardava com o sorriso generoso de bom anfitrião. Funcionário da prefeitura, historiador, pesquisador do CNPq e um dos responsáveis pelos projetos de restauração; um estudioso das potencialidades históricas e arqueológicas da localidade e entusiasta pelo que faz. ‘Aqui foi o coração da Região dos Lagos, o centro econômico e social de terras que iam até Bacaxá’, abriu sem delongas nossa conversa o historiador. O que se descortinava aos nossos olhos, entretanto, era uma fachada em ruínas. Pois o tempo havia sido tão implacável ao casarão quanto o habitual descaso brasileiro em relação a memória de nosso país. Jonatas nos falava de jesuítas e de um passado imperial, enquanto a penumbra dos aposentos nos sugeria mistérios indecifráveis.”.

#### 3.2 Museu de Astronomia – São Cristóvão – Rio

“Em 29 de abril o ônibus saiu lotado rumo a São Cristóvão, um bairro da cidade do Rio de Janeiro carregado de história (‘lugares de memória’). Os vestígios de um tempo imperial, a feira nordestina, as indústrias e restaurantes, a Linha Vermelha, as áreas degradadas e esquecidas com suas paredes enegrecidas pela fuligem, a sede do clube de futebol Vasco da Gama – um mosaico denso produzido pela ação humana ao longo do tempo, um autêntico lugar de memória.”.

#### 3.3 Rua do Ouvidor – Centro do Rio de Janeiro

“O centro nervoso da cidade do Rio exibia o seu turbilhão habitual de gente. Solicitei a todos que fossem muito cuidadosos com seus pertences e que celulares e carteiras não ficassem à vista. Nossa missão era o de aplicar um questionário rápido para saber o que de antemão todos já sabem: se a vida na cidade grande é um corre-corre insano. A intenção, porém, não era aferir o óbvio, como o que geralmente observo acontecer em pesquisas de cunho estritamente empírico. No contexto de nossa jornada, a pretensão era ver de perto esta obviedade, isto é, sentir a falta de tempo *in loco* – a pressa, o jeito afobado das pessoas, em suma, o nervosismo típico das pessoas de uma grande cidade, pressionadas pelo tempo.”.

### 3.4 Asilo – São Pedro

“Pessoas perto do fim... Essa foi a nossa impressão ao visitarmos um asilo situado na Região dos Lagos e que não citaremos o nome por conta da intensidade da experiência. Um espaço destinado às pessoas com pouco tempo de vida e que ainda assim atrapalham o tempo da vida de outras – pelo menos, assim ouvimos lá. Aliás, essa era a ideia da visita: conhecer um asilo e sua pungente relação com o nosso tempo de vida. ‘Eles são como plantas, bastar regar e estrumar [sic]’, assim disse a responsável pelo abrigo. Foi duro ouvir esta frase, que tem chocado a todos que ouvem o relato de nossa visita”.

### 3.5 Maternidade de Cabo Frio

“O nascimento de uma criança é um momento celebrado e que recebe todos os cuidados necessários (sem contar os mimos). Para os pais, em sua grande maioria, acarreta grande felicidade, embora exista o abandono e até casos de requintada crueldade, que recebem tanto a condenação quanto a reclusão do convívio social (em casos de crime). Não existiria sociedade ou espécie humana sem o nascimento de novos membros – ‘crescei-vos e multiplicai-vos’. A criança nasce, precisa ser alimentada, vestida e educada; cresce e precisa ter emprego, casa, família; e assim tem direitos e deveres ao longo de toda a sua vida”.

### 3.6 Varre-Sai

“O norte do estado nos reservaria a monotonia dos canaviais e a fumaça densa das usinas. Eventualmente, um rebanho de vaquinhas esquiladas caminhando sem sentido. O trânsito pesado de caminhões não contribuía para melhorar os ânimos. No centro do Rio, a capital, toda a movimentação e rebuliço da cidade grande. A novidade, as oportunidades, as opções, o crime e a violência, a correria do formigueiro humano – todos os ingredientes que constituem sua opressora grandeza. E lá no extremo, no noroeste do Estado, a pequena cidade de Varre-Sai, antípoda da cidade grande, onde há tempo de sobra e muito café – terra do café Patusco e do café Vargas; do músico Baden Powell e do vinho de jabuticaba. Lugar de gente simpática e acolhedora, disposta a prostrar, embora aqui e ali se possa encontrar um olhar desconfiado”.

## 4 Conclusões

Após dois anos a pesquisa gerou: 1) Visitas técnicas; 2) Apresentação em eventos; 3) Um livro (em fase de impressão); 4) Bolsas de iniciação científica; 5) Debates e estudos com especialistas. Sobre um tema tão fascinante e difícil que tem recebido há séculos atenção de pensadores, o que é possível concluir senão o óbvio: a complexidade do tema seguiu a complexidade da própria vida humana em sociedade. Os mecanismos de controle e mensuração, de aprisionamento de corpos e espaços – tais mecanismos foram essenciais às sociedades. A categoria tempo unificou as dimensões biológicas, físicas, psicológicas e sociais, submetendo-as ao relógio (calendários, amulhetas, entre outros instrumentos de registro do movimento).

## Referências

- Alves-Mazzotti, Judith, A. & Gewandszadner, F. (1999). *O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa*. São Paulo: Thomson.
- Bachelard, G. (1996). *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bachelard, G. (1974). *A Poética do Espaço*. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural.
- Becker, S. (2007). *Segredos e Truques da Pesquisa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Castro, P. (2002). Notas para uma leitura da teoria das representações sociais em S. Moscovici. Lisboa: *Revista Análise Social*, vol. XXXVII (164), p. 949-979. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/index.htm>>. Acessado em 28/07/2009.
- Durand, G. (1993). *A imaginação Simbólica*. Lisboa: Edições 70. 6ª Ed.
- Durand, G. (1989). *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Lisboa: Presença.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, São Paulo*, (10), p. 07-28.
- Moscovici, S. & Doise, W. (1991). *Dissensões e Consenso*. Uma teoria geral das decisões coletivas. Lisboa: Livros Horizonte.